

O AUTOCONSUMO E A COMERCIALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO VEGETAL E ANIMAL DOS IDOSOS RURAIS DE (RE) ASSENTAMENTOS RURAIS DOS MUNICÍPIOS DE PEREIRA BARRETO E ILHA SOLTEIRA.

Douglas de Araujo Gonzaga¹

Antonio Lázaro Sant'Ana²

Gabriela dos Santos Souza¹

Luciana Carvalho de Oliveira³

Murilo Didonet de Moraes⁴

RESUMO

O envelhecimento da população, especialmente aquela que vive nas áreas rurais, apresenta desafios relativos ao atendimento das demandas e às necessidades dos idosos que vivem no campo. O presente trabalho tem como objetivo averiguar quais são as estratégias que os idosos residentes em (re)assentamentos desenvolveram para se manterem no campo desenvolvendo suas atividades em relação a produção de alimentos e qual a relação entre a produção e o autoconsumo, quais são as principais culturas e animais que são explorados como fonte de alimentação das famílias e ainda qual parcela da mesma é destinada para a comercialização. Para tanto foram aplicados questionários aos idosos residentes das seguintes localidades agrícolas: Assentamento Terra é Vida (P. Bto.), Assentamento Estrela da Ilha (ISA) e Reassentamento Nossa Senhora de Fátima (P. Bto). A análise dos resultados nos permitiu verificar que grande parcela dos idosos destina parcialmente ou totalmente a produção para o autoconsumo, sendo as formas de comercialização que os idosos realizam são: direta e através de associações. No que tange à exploração vegetal, verificamos que as principais culturas produzidas nos lotes são o milho, a abóbora, o feijão, a mandioca, o capim *napier*, a cana-de-açúcar, o maxixe, feijão caupi e as olerícolas folhosas. A bovinocultura possui grande importância como fonte de renda através da comercialização e autoconsumo verificaram-se também a presença da avicultura, suinocultura, ovinocultura e piscicultura, sendo que quase todas têm como finalidade o autoconsumo. Com base na

¹ Engenheiro (a) Agrônomo (a) graduado pela Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira FEIS - UNESP, mestrando em Agronomia ênfase em Sistemas de Produção (dougsgonzaga@gmail.com, gaby_souza1@hotmail.com). ² Docente da Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira FEIS - UNESP (lazaroz@agr.feis.unesp.br), ³ Engenheira Florestal graduada pela Universidade Federal de Viçosa - UFV, mestrando em Agronomia ênfase em Sistemas de Produção. ⁴ Engenheiro Agrônomo graduado pela Unemat, mestrando em Agronomia ênfase em Sistemas de Produção (murilonx@hotmail.com). ⁵ Mestre em Agronomia pela FEIS - UNESP.

análise de dados da pesquisa pode-se inferir que os idosos rurais residentes em (re)assentamentos desempenham com êxito a produção tanto voltada para o autoconsumo como para a comercialização.

1. INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional é um fato de suma importância no que diz respeito aos fenômenos sociais do século XX, que além de resultar em mudanças nas estruturas sociais, também representa um verdadeiro desafio para o Brasil em termos de políticas públicas. Nesse sentido, a questão do envelhecimento populacional traz consigo um grande número de questões sociais ainda não resolvidas tais como: a pobreza, a exclusão de crescentes contingentes populacionais e os elevados níveis de desigualdade que assolam nossa estrutura social, dentre outros. O espaço rural e, mais especificamente, os idosos do meio rural, ganham um maior destaque nesta problemática devido às reconfigurações que estão ocorrendo no espaço rural, tanto no mundo do trabalho, como em sua forma de “articular as artimanhas do mercado” (SANTOS e LOPES, 2010).

De acordo com Camarano (2001), o aumento da população com idade superior a 60 anos foi desencadeado por dois processos: o alto índice de natalidade no passado, observado nos anos 1950 e 1960, maior que o índice atual, e a redução da mortalidade da população idosa. A queda dos índices de natalidade modificou a distribuição etária da população brasileira, de modo que podemos observar que a população idosa passou a ser um componente cada vez mais expressivo dentro da população total, havendo, portanto, o envelhecimento pela base. Por outro lado, a diminuição da mortalidade, desencadeou o aumento de tempo vivido pelo idoso, ou seja, alargou o topo da pirâmide, provocando o seu envelhecimento.

Para compreendermos a dinâmica do crescimento populacional, foram levantados dados de abrangência nacional e dados recentes da microrregião de Andradina, situada na interior do estado de São Paulo. São inúmeros os fatores que explicam o crescimento populacional, dentre os quais destacamos o aumento da população idosa. No Brasil, a participação dos indivíduos com idade superior a 60 anos no total da população nacional aumentou de 4%, em 1940, para 8,6% em 2000. De 1944 até os dias atuais, o número absoluto de pessoas com mais de 60 anos subiu nove vezes.

Em 1940, o número de idosos foi de 1,7 milhão, já em 2000, esse valor passou para 14,5 milhões. Há estimativas de que em 2020 o contingente seja de cerca de 30,9 milhões de pessoas com mais de 60 anos (BELTRÃO, CARAMANO e KANSO, 2004). De acordo com os dados preliminares do censo demográfico de 2010, a população idosa residente (população com faixa etária acima de 60 anos que reside na região urbana) no Brasil totaliza 39.590.599 pessoas, sendo que 4.771.436 delas correspondem à população que reside no estado de São Paulo, o estado mais populoso da nação brasileira.

Em relação à microrregião de Andradina, foram realizadas pesquisas nas bases de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 do IBGE. A partir desses dados, verificou-se que o crescimento populacional de idosos também ocorre nas microrregiões do país.

A microrregião de Andradina é constituída por onze municípios e pertence à mesorregião de Araçatuba. Os municípios que constituem a microrregião de Andradina são: Andradina, Castilho, Guaraçaí, Ilha Solteira, Itapura, Mirandópolis, Murutinga do Sul, Nova Independência, Pereira Barreto, Sud Mennucci e Suzanópolis. A população da microrregião apresentou um crescimento vegetativo de 4,245% de 2000 para 2010, passando de 173.990 pessoas em 2000, para 181.704 pessoas em 2010, distribuídas pelos onze municípios da microrregião. As cidades que apresentaram os maiores índices de crescimento foram respectivamente: Nova Independência (32,845%), Suzanópolis (17,53%) e Castilho (16,98%).

Em contrapartida, os que apresentaram menor crescimento foram: Guaraçaí (-5,44%), Pereira Barreto (-0,28%) e Andradina (0,28%) (IBGE, 2010).

No meio rural, o ambiente vem sofrendo mudanças contínuas quanto à organização e ao arranjo espacial. Na região de Andradina, a principal transformação sócio-espacial do meio rural se deve ao surgimento de assentamentos rurais em áreas improdutivas. Em fazendas habitadas por poucas famílias, surgem assentamentos com números significativos de famílias, com pessoas de diferentes faixas de idades desenvolvendo as atividades agropecuárias. Em termos estatísticos, só a microrregião de Andradina conta atualmente com 37 assentamentos rurais, distribuídos da seguinte forma: 6 situados no município de Andradina; 10 assentamentos distribuídos pela área de Castilho; 4 em Guaraçaí; 2 em Ilha Solteira; 3 em Itapura; 2 em Mirandópolis; 2 em Murutinga do Sul; 5 em Pereira Barreto e 1 reassentamento na CESP. As cidades de Suzanópolis e Nova Independência possuem apenas 1 assentamento em seu território (Fonte de Dados: Pesquisa Casa da Agricultura Pereira Barreto).

A pesquisa desenvolvida na região por Sant'Ana et al. (2003) indicou que parte significativa dos responsáveis pelos lotes tinha mais de 60 anos e que, já na juventude, tinham o costume de abrigar os pais idosos nos lotes. Salientamos, assim, a importância de conhecer e compreender melhor a realidade desses novos e antigos agricultores que integram e constroem o novo cenário rural da microrregião de Andradina.

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla sobre o modo de vida dos idosos rurais residentes em assentamentos e reassentamentos rurais pertencentes a microrregião de Andradina, tal pesquisa se intitula: “ *A vida dos Idosos em Assentamentos Rurais*” que teve como objetivo averiguar quais são os idosos residentes em (re)assentamentos, como vivem e como desenvolvem as estratégias para se manterem no trabalho com a terra e para comercializar sua produção. Além disso, procuramos descrever quais são as limitações que enfrentam devido ao avanço da idade, as principais doenças que os acometem, as relações dos idosos com a assistência técnica e médica, e averiguar a importância da previdência social como fonte de renda.

A análise dos dados permitiu verificar o que afirma Maluf e Menezes, (2000) que a produção de alimentos para autoconsumo faz parte da estratégia de reprodução das famílias, e também particularmente entre das famílias dos idosos rurais. É ainda de maior importância em situações onde a escassez de recursos monetários se agrava. A renda adquirida pela venda do excedente e a economia monetária gerada a partir do autoconsumo, do trabalho assalariado ou de benefícios de programas públicos pode fazer frente a outras necessidades, como gastos com saúde, educação, vestuário e manutenção dos lotes (MALUF E MENEZES, 2000).

Anjos, et al. (2010) chamam atenção em seu trabalho para o número de famílias que desempenham atividades exclusivamente ligadas à produção para o autoconsumo saltou de 373 mil famílias em 2001 para 473 mil em 2006, resultando em um aumento de 8,2%. Como é possível perceber, este grupo cresceu significativamente sua participação entre 2001 a 2006, cujo número se viu ampliado em 150 mil novas unidades familiares que passaram a integrar este tipo de família.

O autoconsumo inclui também como integrante fundamental da estratégia de se manter a identidade e garantir a segurança alimentar, dos agricultores familiares, numa lógica um pouco mais livre da materialidade além da capacidade de poupar dinheiro, numa sociedade que lhes exige, a todo instante, ingressos nos mercados agrícolas e de trabalho, respectivamente, as produções especializadas e o trabalho assalariado. (DUVAL; FERRANTE, 2010)

O autoconsumo assume um papel tão importante nas propriedades familiares que, segundo os resultados de pesquisas desenvolvidas por Grisa (2007) e Anjos et al. (2004), o autoconsumo está presente em 100% de um universo empírico que abrange quatro regiões distintas do estado do Rio Grande do Sul. Os autores descrevem em seus trabalhos que tal fato não ocorre com a mesma intensidade entre famílias, apontando que em alguns casos é mais significativa economicamente do que em outros. Os resultados mostram que as famílias pesquisadas deixam de gastar até 38% de sua renda total em aquisição de alimentos, o que significa sua capacidade de poupar com a compra de alimentos. Por outro lado, 69% dos custos de uma cesta básica são cobertos pela produção de autoconsumo.

O presente trabalho tem como objetivo averiguar quais são as estratégias que os idosos residentes em (re)assentamentos desenvolveram para se manterem no campo desenvolvendo suas atividades em relação a produção de alimentos e qual a relação entre a produção e o autoconsumo, quais são as principais culturas e animais que são explorados como fonte de alimentação das famílias e ainda qual parcela da mesma é destinada para a comercialização.

2. METODOLOGIA E TÉCNICAS DE PESQUISA

Para a elaboração da pesquisa, realizamos uma revisão bibliográfica sobre idosos rurais e suas relações sociais, bem como as políticas públicas voltadas para essa fração da população brasileira. Além disso, executamos um levantamento de dados disponíveis sobre o meio rural da Microrregião de Andradina e dos Assentamentos Rurais que serviram de fonte de dados para a presente pesquisa. A coleta de dados secundários foi realizada por meio de consulta a *sites* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI), além de consulta a documentos e informações prestadas na Casa de Agricultura do município de Pereira Barreto.

Foram entrevistados ao todo 32 produtores familiares, assentados e reassentados pertencentes aos municípios de Pereira Barreto (Assentamento Terra é Vida e Reassentamento Nossa Senhora de Fátima) e Ilha Solteira (Assentamento Estrela da Ilha). O número de entrevistas não foi definido por critério estatístico, logo não temos a

pretensão de representar o conjunto de produtores idosos que vivem nesses locais, mas sim caracterizá-los qualitativamente quanto à diversidade de experiências existentes.

Os instrumentos empregados para a coleta de dados consistiram em questionários e observação direta, reunindo, portanto, uma abordagem tanto quantitativa, como qualitativa do objeto da pesquisa. Tais instrumentos visaram, dentre outros aspectos, compreender as formas diferenciadas do modo de vida e da produção dos idosos rurais, e apreender os possíveis efeitos das políticas públicas no bem-estar dessa população.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Características dos Idosos que vivem em Assentamentos/Reassentamentos Rurais de Pereira Barreto e Ilha Solteira – São Paulo.

O número total de idosos entrevistados foi de 32, sendo que 12 pertencem aos Assentamentos Terra é Vida, 10 pertencem ao Assentamento Estrela da Ilha e os demais (10) residem no Reassentamento Nossa Senhora de Fátima.

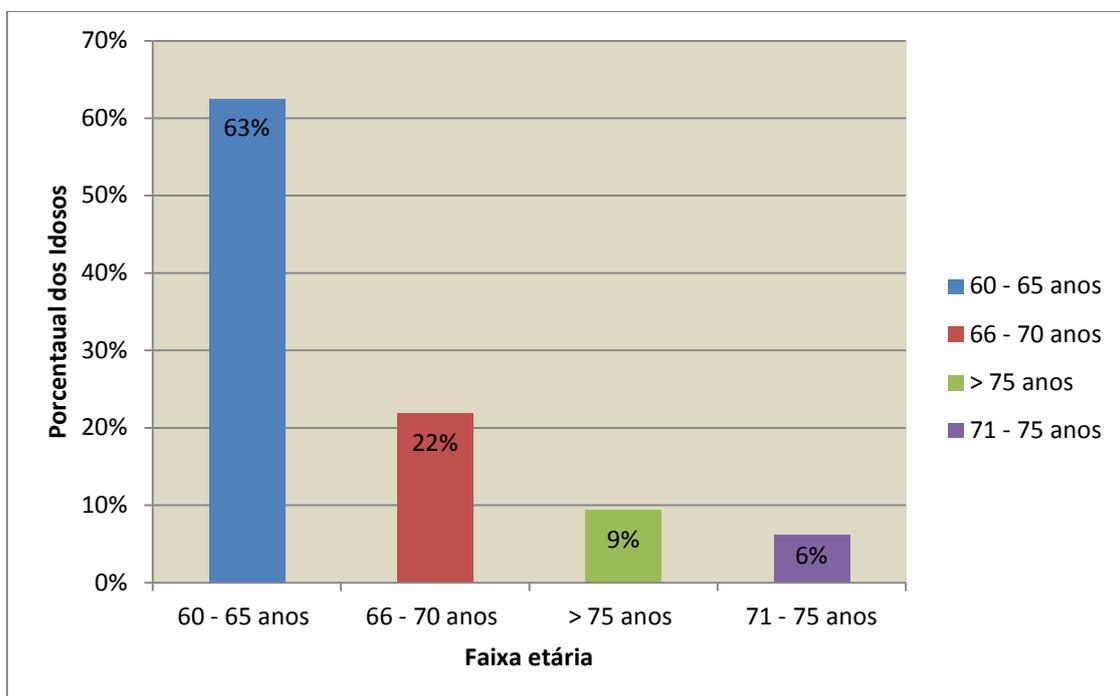
Dentre 32 idosos entrevistados, 81% (26) são homens de idades iguais ou superiores a 60 anos, casados em sua grande maioria. Já as mulheres entrevistadas correspondem a 19% (6) do total, residindo, em sua maioria, nos lotes com seus maridos ou, ainda, com filhos que cuidam da manutenção do lote e dos cuidados diários com elas. Três senhoras vivem sob os cuidados da família, porque apresentam limitações, devido a problemas de saúde ou ainda pela idade avançada, que as impedem de realizar com facilidade as tarefas domésticas e a vida rural.

A distribuição etária dos entrevistados apresentou certa concentração na faixa de idade de 60 a 65 anos, pois 63% (20) estão nessa faixa etária, enquanto 22% dos idosos (7) têm idade no intervalo de 66 a 70 anos. Dois idosos (6%) apresentam idade entre 71 a 75 anos e com 9% (3) possuem idades superiores a 75 anos (Figura 1).

No ano de 2009 Silva; Sant'Ana; e Maia, (2009) também levantaram informações sobre a faixa etária dos titulares e cônjuges, de agricultores que residem nos assentamentos pesquisados da microrregião de Andradina, observou-se que 60%, entre os entrevistados, possui idade superior a 50 anos, sendo que 23% possuem mais de 60 anos. Fato este demonstra que maioria, dos moradores deste assentamentos, possui uma idade

relativamente avançada para o tipo de trabalho que é exercido nos estabelecimentos rurais desta microrregião.

Figura 1: Distribuição por faixa etária dos idosos entrevistados.

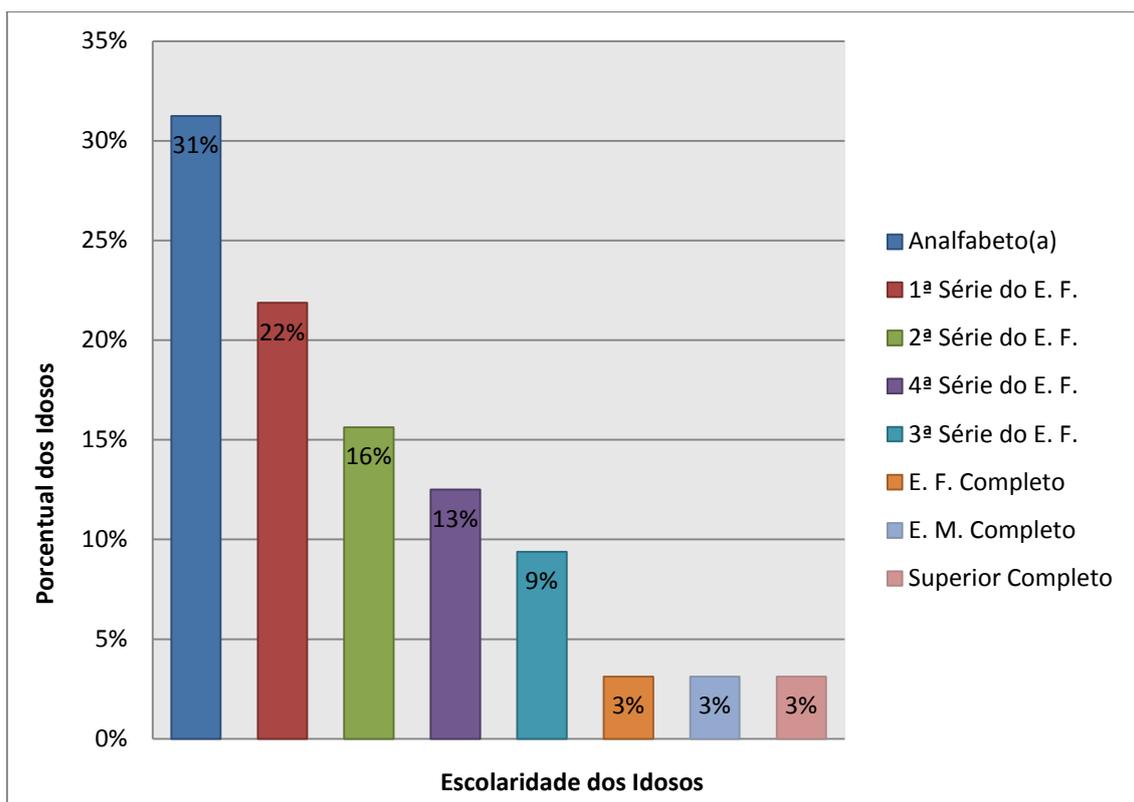


Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

Ao observar o grau de escolaridade dos idosos, na Figura 2, constatamos que a grande maioria dos entrevistados não ultrapassa o nível do ensino fundamental² sendo que o maior percentual, dentre as categorias utilizadas, é de analfabetos. Os analfabetos correspondem em conjunto, homens e mulheres, a 31% (10 pessoas), sendo 7 homens e 3 mulheres. A porcentagem de pessoas que não passaram da 4ª série do ensino fundamental é de 60%, sendo que a maior parte possui a 1ª e 2ª série do ensino fundamental (22% e 16% respectivamente). Quando interrogados sobre a escolaridade quase que todos mencionaram as dificuldades que os impediram de estudar durante a idade escolar, considerada regular. Vários idosos relataram que tinham grande interesse em voltar a estudar, mas as limitações de saúde, de recursos financeiros e de transportes os impedem de voltarem às salas de aulas. Apenas um dos entrevistados possui ensino superior, um possui ensino médio completo e outro o ensino fundamental completo, sendo que cada um corresponde a 3% dos entrevistados.

² O ensino fundamental mencionado é o ciclo de 1ª a 8ª séries nos parâmetros curriculares anteriores, o qual corresponderia ao 9º ano atualmente, embora maioria não tenha frequentado a pré-escola, atual 1º ano.

Figura 2: Escolaridade dos idosos entrevistados.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2011.

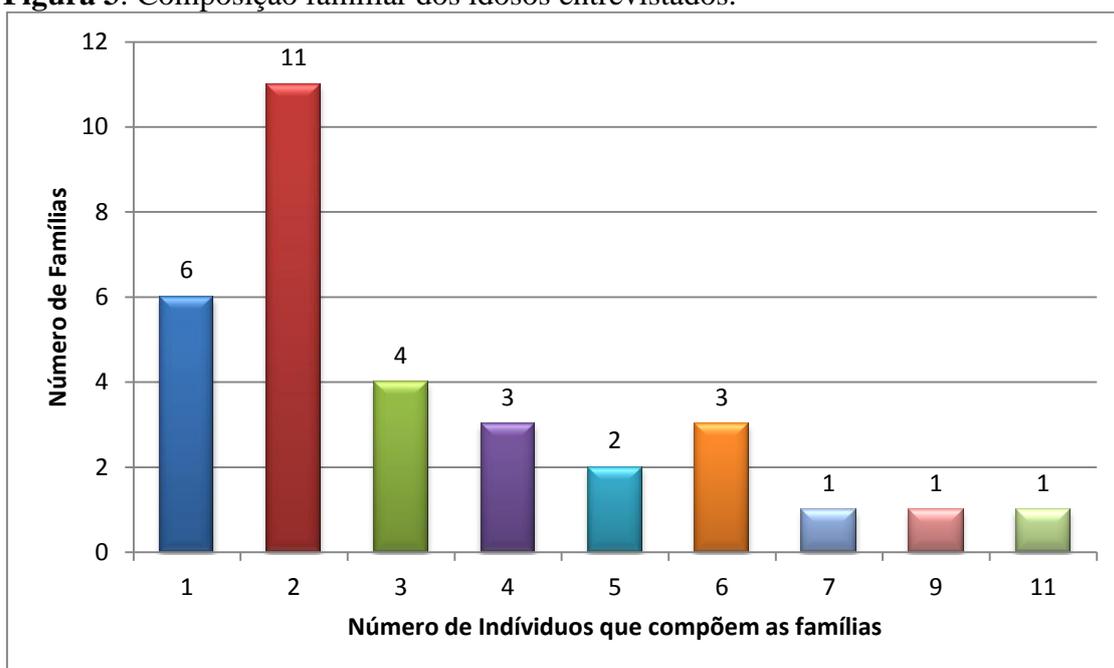
Composição Familiar dos Idosos que vivem em (Re) Assentamentos Rurais.

A família geralmente é um elo muito forte na vida dos idosos, devido às relações que a teia familiar pode criar, os elos afetivos são estreitados dia após dia, devido à inversão que o ciclo de vida traz para as pessoas: no início de nossas vidas são os pais que desprendem atenção e cuidados aos filhos, com o decorrer do tempo, o quadro se inverte, os pais que passam a requerer a atenção e os cuidados dos filhos. Podemos observar tal situação em quase todas as famílias de nossa sociedade, tanto no meio urbano como no rural. No caso dos idosos residentes nos (re)assentamentos ou no meio rural, a situação pode ser mais complicada, pois geralmente os filhos residem na zona urbana do município em que o (re)assentamento está inserido ou ainda em outras cidades. Diante de situações como estas, quem poderá ajudar essas pessoas quando as mesmas se encontram em complicações de saúde durante a noite, quem os auxiliará nos afazeres domésticos diários, caso limitações físicas os impossibilitem de realizá-las? Por outro lado, verifica-se que quando pessoas com faixa etária já avançada se deslocam

para o campo há uma grande melhoria na sua qualidade de vida, na saúde e no bem estar em geral. A análise do balanço entre estes fatores contraditórios serviram de motivação para a realização desta pesquisa. Algumas questões foram direcionadas especificamente para buscar compreender as relações familiares, como se organizam as relações familiares e as possíveis relações de dependência.

Ao observar a Figura 3, constatamos que grande parte dos idosos reside junto a seus cônjuges ou ainda com apenas um filho. Em seguida temos o caso de homens separados ou ainda solteiros já idosos que vivem em nos (re)assentamentos sozinhos sem companheira e sem a presença de outro tipo de parente (totalizam 19% dos entrevistados). Os lares que possuem três pessoas como composição familiar, está em terceiro lugar (13%), nesses casos, geralmente reside no lote o casal junto com algum filho, neto ou ainda algum(a) irmã(o) que faz companhia ao casal de idosos. As famílias que são compostas por quatro ou seis integrantes correspondem a 9% cada uma, são famílias constituídas por idosos, seus filhos e netos em alguns casos. Em seguida temos 2 famílias compostas por 5 pessoas, que correspondem juntas a 6% do total. Temos ainda uma família que é constituída por 7 pessoas, uma por 9 e outra por 11 pessoas, todas essas famílias são constituídas por várias gerações, como por exemplo, pais que moram com seus filhos e netos e em alguns casos existem enteados e bisnetos residindo no mesmo estabelecimento.

Figura 3: Composição familiar dos idosos entrevistados.



Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

Caracterização dos estabelecimentos

Os estabelecimentos pesquisados (lotes/propriedades) têm em média 12,6 hectares (ha). No Assentamento **Terra e Vida**, os lotes apresentam áreas que variam de 8 a 13 ha, já no Assentamento **Estrela da Ilha**, as áreas que declaradas variam de 12 a 15ha (na verdade, a área tem cerca de 14,4 ha, mas alguns incluíram a área de reserva legal e outros não). O Reassentamento **Nossa Senhora de Fátima** possui de 16 a 25 ha em seus lotes. A Tabela 1 contém o número de lotes por faixas de área. Constatamos que a maioria (68%) dos estabelecimentos está entre as faixas de 5 a 10 ha e de 10,1 a 15 ha, sendo cada uma 34% (11) em cada faixa; em seguida temos que a faixa de 15,1 a 20 ha e a de 20,1 a 25 ha que possuem cada uma 16% (5) do total dos estabelecimentos.

Tabela 1: Faixas de áreas dos lotes onde moram os idosos entrevistados.

Faixas de Áreas (ha)	Número de Lotes	% Percentual de Lotes
5 a 10	11	34
10,1 a 15	11	34
15,1 a 20	5	16
20,1 a 25	5	16
Total	32	100

Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

Produção Vegetal, Autoconsumo e Comercialização realizada pelos Idosos Rurais.

No que tange à exploração vegetal, verificamos que as principais culturas produzidas nos lotes são o milho, a abóbora, o feijão, a mandioca, o capim *napier*, a cana-de-açúcar, o maxixe e o feijão caupi. A cultura da mandioca está presente em quase todos os lotes, sendo que 21 produtores, com áreas variáveis, produzem mandioca para o auto-consumo ou ainda para a comercialização. A média da área cultivada com mandioca é de 1,2 ha ou 2200 pés, mas a produção não pode ser calculada, porque muitos produtores não conseguiram estimar quanto foi produzido e tão pouco a quantidade consumida no próprio estabelecimento. A abóbora foi a segunda cultura mais cultivada nos lotes pelos idosos, ocupando uma área média de 0,70 ha e sendo cultivada por 16 produtores. Visto que a abóbora tem grande relevância na nutrição animal, muitos agricultores a produzem para alimentar as criações, como no caso dos suínos, que têm sua alimentação suplementada com abóbora *in natura*, servindo para o autoconsumo por parte dos produtores, além de ser comercializada nas feiras ou ainda

nas ruas. O milho apresentou uma área média de cultivo de 1,5 ha e estava em 16 estabelecimentos. Todos os produtores idosos destinaram a produção para o autoconsumo e/ou como fonte de alimentação animal. A cana-de-açúcar e o capim *napier* abrangem áreas médias de 1ha cada uma nos lotes em que estavam presentes, sendo que 9 produtores cultivam cana e 5 o capim *napier* como suplementação a alimentação bovina. O feijão carioca apresenta a segunda maior área média com 1,3 ha, mas apenas 4 produtores o produzem em seus lotes. Os idosos mencionaram que há várias limitações para o cultivo do feijão, devido aos tratos culturais em geral e a problemas de saúde que os impedem de realizar as tarefas habituais do campo com facilidade. As olerícolas como o quiabo (8 produtores) e o maxixe (1 produtor) apresentam área média de 0,50 ha, assim como o feijão caupi (também conhecido como feijão de corda e feijão catador) cultivado por 6 produtores, basicamente para o autoconsumo.

Os idosos ainda cultivam outras 18 olerícolas diferentes em seus lotes, mas com áreas menores. Aquelas culturas que apresentam maior número de produtores são alface, couve, almeirão, cebolinha, rúcula, berinjela e jiló, enquanto as demais são plantadas somente por um ou dois produtores. As áreas de cultivo são pequenas, variam de 0,001 a 0,030 ha, o que representa em metros quadrados, de 10 a 300m².

A pastagem está presente em todos os lotes, sendo que somente em três estabelecimentos a possuem como única cultura: nestes casos são produtores que se dedicam somente à criação de bovinos, sendo que estes produtores detêm uma alta lotação em suas áreas. Foram levantados, no total, 36 tipos de culturas diferentes instaladas nos estabelecimentos dos idosos entrevistados, sendo as principais citadas no parágrafo acima, fato este confirma que o policultivo está presente também nos estabelecimentos dos idosos, o que é uma das características marcantes da agricultura familiar.

Para facilitar a compreensão da dinâmica entre o Autoconsumo e a Comercialização a Tabela 2 contém a relação das culturas produzidas nos estabelecimentos rurais, qual parcela é destinada ao autoconsumo qual é a parcela destinada a comercialização. Pode-se verificar que as todas as culturas são destinadas ao autoconsumo as principais são mandioca, milho (grão) e abóbora são quase que na totalidade destinada para a manutenção das necessidades alimentares da família e dos animais dos lotes/estabelecimentos. A comercialização em grande maioria é realizada via ao Programa de Aquisição de Alimentos, tal mercado institucional possui papel de

grande relevância para tais agricultores, apenas três de todos os produtores realizam vendas direta para consumidor e ou ainda para atravessadores podemos destacar neste último caso que apenas a cultura do feijão carioca é feita desta forma.

Em pesquisa realizada em 2010 por Paz et al, (2010) no Assentamento Terra é Vida pode-se verificar que as principais culturas entregues semanalmente ao Programa de Aquisição de Alimentos no município de Pereira Barreto são: mandioca, coco verde, abóbora, berinjela, citros em geral, milho verde, tomate, jiló, cenoura, beterraba, hortaliças folhosas e cheiro verde. Tais informações condizem com as encontradas nos estabelecimentos dos idosos rurais que entregam parte da produção ao programa semanalmente. Com base nessas informações pode-se inferir que o autoconsumo além de ser uma ferramenta essencial para a Segurança Alimentar dos Idosos Rurais faz com o mesmo gere a autonomia de tal parcela da população. Fato este é discutido no fragmento logo abaixo por Gazolla; Schneider, (2007), que reflete sobre a relação direta do autoconsumo com autonomia dos agricultores.

O autoconsumo familiar gera a autonomia produtiva e reprodutiva do grupo doméstico. A produção para autoconsumo gera a autonomia do agricultor familiar por manter interna a unidade produtiva a principal esfera responsável pela reprodução do grupo doméstico, fazendo com que o grupo doméstico dependa cada vez menos das condições externas a unidade de produção para se reproduzir socialmente. É através da produção para autoconsumo que o agricultor familiar não depende, totalmente, do ambiente social e econômico em que está inserido e, principalmente, não depende das constantes flutuações das condições de troca no mercado (GAZOLLA; SCHNEIDER, 2007).

Tabela 2: Relação da Produção de Alimentos, Autoconsumo e Comercialização.

Grupos Vegetais	Número de Produtores	Destino	
		Autoconsumo	Comercialização
Hortaliças Folhosas			
Alface	4	4	3
Almeirão	4	4	3
Cebolinha	5	5	5
Salsa	2	2	2
Couve	3	3	3
Coentro	2	2	2
Rúcula	4	4	3
Hortaliças de			

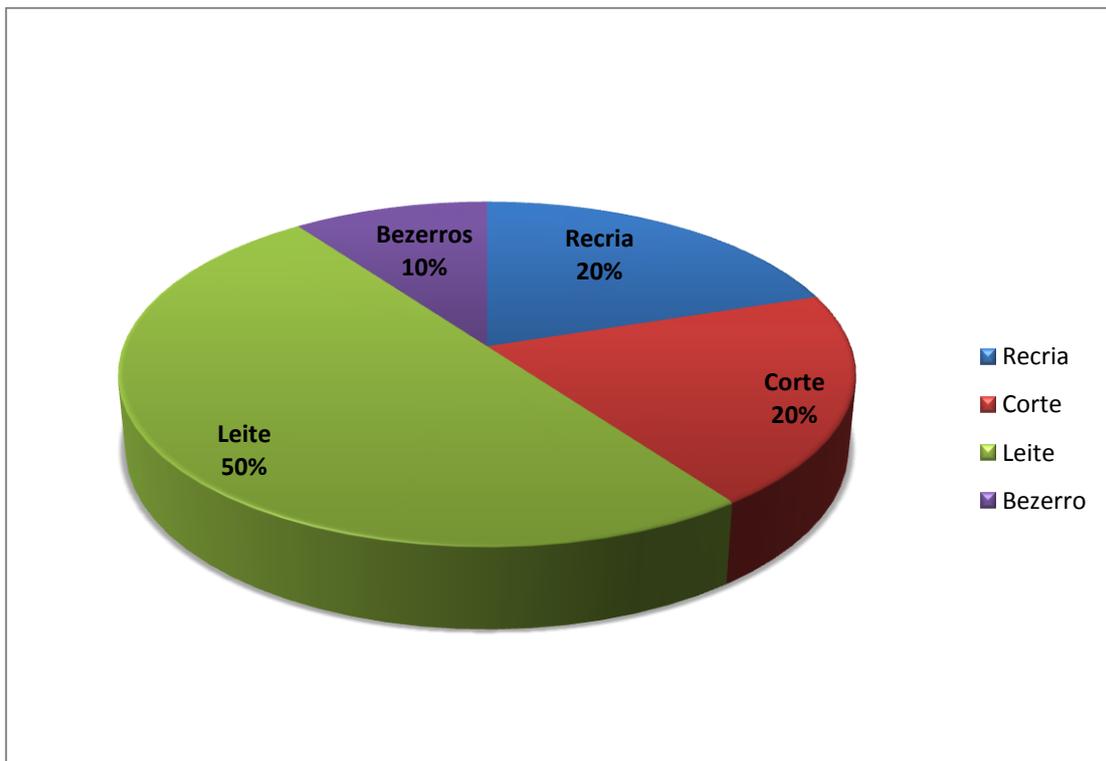
Frutos			
Abóbora	16	13	7
Quiabo	8	4	4
Berinjela	4	3	4
Jiló	4	4	3
Outras	8	8	8
Tubérculos e Raízes			
Mandioca	21	17	6
Cenoura	4	4	3
Rabanete	2	2	2
Outras Culturas			
Milho	16	16	2
Feijão Caupi	6	6	5
Feijão Carioca	4	4	2
Cana-de-açúcar	9	9	-

Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

A Exploração Animal, Autoconsumo e Comercialização realizada pelos Idosos Rurais.

Foram levantadas também quais espécies os idosos criam a fim de saber qual a relação dos mesmos com as criações e como tiram parte de seu sustento a partir destas atividades. A bovinocultura está presente em 29 estabelecimentos, destes apenas 20 comercializam sua produção, enquanto os restantes mantêm o rebanho para o autoconsumo. A bovinocultura divide-se em quatro modalidades: a leiteira, a de corte, a recria e a produção de bezerros. O número de entrevistados que praticam a bovinocultura leiteira é de 10 e representa 50% dos criadores de gado que realizam a comercialização, sua produção média anual, levando em conta a produção nos períodos da seca e das águas é de 17720 litros de leite, que são comercializados diretamente aos laticínios das cidades circunvizinhas. Dos 21 criadores de gado, 4 (20%) se dedicam exclusivamente a criação de gado de corte; outros 4 tem como objetivo da criação do gado até a fase de recria e 2 (10%) se dedicam à produção de bezerros (Figura 4).

Figura 4: Percentual de criadores que comercializam a produção, de acordo com a modalidade de produção, nos lotes onde moram os idosos entrevistados.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2011.

Além da presença da bovinocultura nos estabelecimentos entrevistados, temos a presença da avicultura, suinocultura, ovinocultura e piscicultura, sendo que quase todas têm como finalidade o autoconsumo. A Tabela 3 contém a relação de criações, número de criadores, número médio de animais e o número de produtores que realizam a comercialização da produção. Temos 19 produtores que criam aves no sistema extensivo, sem instalações específicas, visando à produção de ovos e carne para o autoconsumo. Destes 19 criadores apenas um comercializa aves e ovos. Os ovinos e peixes estão em menor proporção do total de entrevistados. Todos os ovinos presentes nos lotes se destinam ao autoconsumo das famílias. Já dentre os piscicultores (2) apenas um comercializa sua produção, pois este detém no rio que banha seu lote vinte tanques-rede com 15000 peixes (tilápias); o outro possui um pequeno tanque em sua propriedade onde cria 50 peixes (tilápias) para o auto-consumo e para realizar pescarias com o fim de lazer e recreação dos familiares que o visita nos fins de semana (observação da pesquisa). O número de lotes onde são criados suínos é de 20, mas apenas três comercializam parte da produção, geralmente no fim do ano, enquanto o restante destina a produção para o autoconsumo. O número médio de animais por produtor é de 6 por lote.

Tabela 3: Dados das principais explorações animais dos lotes pesquisados.

Espécie Animal	Número de Criadores	Número Médio de Animais	Produtores que comercializam
Aves	19	49	1
Bovinos	29	27	20
Ovinos	3	5	0
Peixes	2	7525	1
Suínos	20	6	3

Fonte: Dados da Pesquisa, 2011.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho pretendeu averiguar se a população idosa que reside em Assentamentos, e ou em, Reassentamentos Rurais da microrregião de Andradina desempenha atividades ligadas à produção de alimentos (seja de origem vegetal como animal) bem como qual parcela é destinada ao autoconsumo e ou comercialização.

Pode-se verificar que os idosos desempenham com êxito a produção de alimentos, devido a uma grande variedade de espécies vegetais e animais são cultivados e criados em seus lotes e que a maior parte da produção é destinada para o Autoconsumo.

A comercialização em grande parte dos casos é realizada através do mercado institucional, sendo o PAA responsável pela comercialização de grande parte da produção de alimentos realizada pelos idosos.

Apesar das adversidades que o avanço da idade pode acarretar na lida diária dos idosos no campo, os agricultores pesquisados relataram em grande maioria que o maior prazer encontrado por eles é o trabalho que desempenham em seus lotes, os tratos culturais e o manejo do animais que realizam em seus estabelecimentos, tal fato implica uma sensação de bem estar e o motivo pelo qual os fazem permanecerem no campo por mais difícil que seja. A satisfação de poder se alimentar com as verduras e legumes que os mesmos colhem, de fornecer alimentos frescos e seguros aos seus filhos, netos e amigos que por ventura os visitam ou ainda que residam junto a eles nos estabelecimentos rurais faz com os mesmos permaneçam ativos e saudáveis (Observações da pesquisa).

Através da análise de dados, fica evidente que a produção na maioria dos casos é voltada quase que em sua totalidade para o autoconsumo e que a mesma é uma das estratégias que os agricultores familiares encontram para a sobrevivência no campo.

5. REFERÊNCIAS

ANJOS, F. S. DOS; DEL GROSSI, M. E. & CALDAS, N. V. Um outro enfoque para a segurança alimentar: evolução recente da população brasileira ocupada em atividades de autoconsumo. **SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO RURAL** on line – v.4, n. 3 – Dez – 2010. Disponível em: <<http://www.inagrodf.com.br/revista/index.php/SDR/article/view/100/91>>. Acesso: 10 jul 2012.

ANJOS, F.S. dos; CALDAS, N.V.; GRISA, C.; NIDERLE, P.; SCHNEIDER, E. Abrindo a caixa-verde: estudo sobre a importância econômica do autoconsumo na agricultura familiar meridional. XLII Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, 2004, Cuiabá. In: **Anais...**, Cuiabá, 2004.

DUVAL, H. C.; FERRANTE, V. L. S. B.. A produção do autoconsumo em assentamentos rurais: considerações a partir da atualização dos perfis dos núcleos de Araraquara-SP. In: IV Simpósio sobre Reforma Agrária e Assentamentos Rurais, 2010, Araraquara. In: **Anais...**, Araraquara, 2010.

GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. A PRODUÇÃO DA AUTONOMIA: os “papéis” do autoconsumo na reprodução social dos agricultores familiares. **Revista Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 15, p.89-122, 2007. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/pgdr/arquivos/467.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

GRISA, C. **A Produção “Pro Gasto”**: um estudo comparativo do autoconsumo no Rio Grande do Sul. 2007. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

MALUF, R.S. O novo contexto internacional da segurança alimentar, in Belik, W. e Maluf, R. (orgs.). **Abastecimento e segurança alimentar** - os limites da liberalização. Campinas (SP), IE/UNICAMP-REDCAPA-CPDA, 2.000, 37-63.

MALUF, R. S.; MENEZES, F. Caderno ‘segurança alimentar’. Disponível em: <http://ag20.cnptia.embrapa.br/Repositorio/seguranca+alimentar_000gvxlxe0q02wx7ha0g934vgwlj72d2.pdf>. Acesso em: ago. 2012.

SILVA, F. C.; SANT’ANA, A. L.; MAIA; A. H. Comercialização direta ao consumidor e agregação de valor, dentre os produtores assentados e reassentados da microrregião de Andradina (SP). In: Jornada de Estudos em Assentamentos Rurais. 4., 2009. Campinas. In: **Anais...**, Campinas: Faculdade de Engenharia Agrícola, Universidade Estadual de Campinas, 2009. CD.

PAZ, D. O.; SANTOS, G. S.; SANT'ANA, A. L. Efeitos do Programa de Aquisição de Alimentos na Produção da Associação de Produtores Rurais do Assentamento Terra é Vida. In. IV Simpósio sobre Reforma Agrária e Assentamentos Rurais, 2010, Araraquara. In: **Anais...**, Araraquara, 2010.